

**O DISCURSO ORAL NA POESIA DE MANUEL BANDEIRA:
UMA ANÁLISE DA ILUSÃO DA ORALIDADE
NO TEXTO POÉTICO¹²**

Gil Roberto Costa Negreiros

(PUC-SP, UNIVERSITAS)

gilrobertonegreiros@yahoo.com.br

RESUMO

Objetiva-se neste artigo analisar as marcas da oralidade presentes no texto poético, mais precisamente na poesia de Manuel Bandeira. Por se tratar de um trabalho que estabelece relações entre *fala* e *escrita*, define-se, inicialmente, como perspectiva de trabalho, a tendência sociointeracionista, que considera fala e escrita não como modalidades estanques, mas sim como variedades pertencentes a um mesmo *continuum*. Sob a luz da Análise da Conversação, investigam-se trechos de poemas em que se configura a “ilusão do oral”, como postula Preti (2004). No decorrer da comunicação, apresentam-se trechos poéticos que são comparados com transcrições de textos orais. Tal recurso possibilita uma melhor visão do fenômeno da oralidade na obra poética de Bandeira.

Palavras-chave: Análise da Conversação, oralidade, texto poético.

Neste artigo, propõe-se investigar as marcas da oralidade presentes em um poema de Manuel Bandeira. Como ponto teórico inicial, parte-se do pressuposto sociointeracionista, segundo o qual não há diferenças estanques entre fala e escrita, mas posições escalares que, metodologicamente, poderiam ser representadas por meio de um *continuum* (cf. Marcuschi, 2001).

Cabe salientar que não se pretende, aqui, realizar uma análise literário-estilística do *corpus* escolhido. Na realidade, examina-se o texto poético por meio da lingüística discursiva, mais precisamente sob os referenciais teóricos metodológicos na Análise da Conversação. Com isso, busca-se demonstrar que o texto poético bandeiriano em questão, apesar de escrito midialmente, apresenta marcas que denunciam uma “ilusão do oral”.

¹²Este artigo faz parte da pesquisa de doutoramento intitulada de *A oralidade na poesia de Manuel Bandeira*, orientada pelo Prof. Dr. Dino Preti, na PUC/SP.

FLUÊNCIA E DISFLUÊNCIA NA LÍNGUA FALADA

Os estudos lingüísticos atuais, quando tratam das relações entre língua falada e língua escrita, postulam que essas duas modalidades não devem ser observadas por meio de uma visão dicotômica. De uma forma geral, percebe-se, hoje, um interesse crescente por análises que permitam observar a escrita e a fala mais em suas relações de semelhança do que de diferença, em uma amálgama de gêneros e estilos, evitando as dicotomias estritamente delimitadas. (Cf. Marcuschi, 2001, p. 28)

A visão dicotômica, baseada no modelo teórico da “autonomia da escrita”, caracterizava negativamente o texto falado a partir dos pressupostos teóricos da escrita:

Assim, noções como *ruptura*, *descontinuidade*, *desaceleração*, *interrupção*, com seus traços semânticos de negatividade, têm sido relacionadas, de forma genérica, direta ou indiretamente, à disfluência do texto falado, sem que esta já tenha sido definida de forma precisa. Muitas vezes, ela é, ainda, considerada a partir do parâmetro da língua escrita que, como sabemos, se organiza de forma diferente, tendo em vista que apenas o seu produto final é apresentado ao leitor, diversamente do que ocorre com a língua falada, em que o processamento e a produção ocorrem. (Crescitelli, 1997, p. 28).

Dentro da visão sociointeracionista da não-dicotomia, Crescitelli, ao contrário da posição anteriormente exposta, apresenta-nos sua hipótese geral, segundo a qual as disfluências, consideradas a partir da análise da linguagem em uso e sob o enfoque da abordagem pragmática, são “aspectos normais, sistemáticos e até úteis do discurso, em certas circunstâncias”. (Cf. *Ibidem*)

Assim, a disfluência torna-se essencial, em muitos casos, na constituição da formulação do texto falado espontâneo, haja vista os inúmeros propósitos da interação e as atividades envolvidas na construção textual.

Butler-Wall, por seu turno, em pesquisa sobre a frequência das disfluências no discurso conversacional de falantes nativos e não-nativos, oferece-nos importantes constatações a respeito do tema da fluência oral. Segundo a pesquisadora, pode-se dividir o tema por dois lados: um em nível do enunciado e outro em nível do discurso. A autora sugere, assim, a existência de uma relação entre sua proposta e a distinção entre tópico sentencial e tópico discursivo:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A fluência no nível do enunciado deve ser definida como a habilidade de executar regras de fala ‘suavemente’ ou a habilidade de produzir fala sem (ou com uma quantidade mínima de) disfluências – pausas longas, pausas preenchidas, preenchedores, repetições e recomeços. A fluência no nível do discurso, por outro lado, deve ser definida como a habilidade de resolver problemas de fala (lingüísticos e interpessoais) no tempo real ou a habilidade de movimentar a fala para adiante [...] A fluência significa a habilidade de suavizar fronteiras, fornecer transições, minimizar justaposições abruptas. Finalmente, a fluência conversacional significa a habilidade de dosar tensões entre nossas próprias necessidades e as necessidades do interlocutor. Isso significa ser responsivo à interpretação provável do interlocutor a respeito de um enunciado a fim de guiar essa interpretação. (Butler-Wall, 1996, p. 324).

Koch et alli abordam, do ponto de vista discursivo, o fenômeno que envolve a descontinuidade. Usando as expressões “contínuo” e “fluência”, os autores admitem que as descontinuidades, causadoras de um ritmo ralentado à progressão temática, podem desempenhar funções pragmático-interativas:

As descontinuidades aqui referidas, que muitas vezes subvertem a organização canônica dos constituintes da frase podem desempenhar funções pragmático-interativas relevantes, devendo ser examinadas à luz do *modus* comunicativo postulado por Mönnik. (Koch et alii, 1996, p. 147).

A hesitação, considerada como uma marca da descontinuidade sintática e da disfluência discursiva, pode ser observada tendo em vista as perspectivas da formulação textual e da interação e da discursividade. Nessa perspectiva, Crescitelli propõe as seguintes postulações a respeito da hesitação:

- *da formulação textual*: na qual pode ser vista como descontinuadora da ordem sintática (“descontinuidade sintagmática e oracional”). Tendo-se em mente, contudo, o processamento lingüístico, ela teria papéis ou seria sintomas da fase de planejamento lingüístico e de formulação;

- *da interação e da discursividade*: na qual pode ser vista como continuadora no nível da enunciação, ou seja, das relações interpessoais dos interlocutores e na condução dos tópicos (“continuidade textual, discursiva e interacional”). (Crescitelli, 1997, p. 56-7).

O CORPUS

O poema que ora propomos analisar, de autoria de Manuel Bandeira, foi publicado em 1930, em *Libertinagem*. Nesse livro in-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

teiramente modernista, a linguagem do poeta é composta de coloquialidade e ironia, além de um forte traço biográfico, tão comum em toda sua obra. (Cf. Bosí, 1977, p. 408)

EVOCACÃO DO RECIFE

Recife

Não a Veneza americana

Não a Maurítssatd dos armadores das Índias Ocidentais

Não o Recife dos Mascates

Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois □

Recife das revoluções libertárias

Mas o Recife sem história nem literatura

Recife sem mais nada

Recife de minha infância

A Rua da União onde eu brincava de chicote-queimado e partia as vidraças da casa de Dona Aninha Viegas

Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê na ponta do nariz

Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com cadeiras, mexericos, namoros, risadas

A gente brincava no meio da rua

Os meninos gritavam:

Coelho sai!

Não sai!

À distância as vozes macias das meninas politonavam:

Roseira dá-me uma rosa

Craveiro dá-me um botão

(Dessas rosas muito rosa

Terá morrido em botão...)

De repente

Nos longes da noite

Um sino

Uma pessoa grande dizia:

Fogo de Santo Antônio!

Outra contrariava: São José!

Totônio Rodrigues achava sempre que era São José.

Os homens punham o chapéu saíam fumando

E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir ver o fogo.

Rua da União...

Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância

Rua do Sol

(Tenho medo que hoje se chame do Dr. Fulano de Tal)

Atrás da casa ficava a Rua da Saudade...

... onde se ia fumar escondido

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora
... onde se ia pescar escondido

Capiberibe
□ Capibaribe

Lá longe o sertãozinho de Caxagá
Banheiros de palha
Um dia eu vi uma moça nuinha no banho
Fiquei parado o coração batendo
Ela se riu
Foi meu primeiro alumbramento

Cheia! As cheias! Barro boi morto árvores destroços redomoinho sumiu
E nos pegões da ponte do trem de ferro os caboclos destemidos em jan-
gadas de bananeiras

Novenas
Cavalhadas

Eu me deitei no colo da menina e ela começou a passar a mão nos meus
cabelos

Capiberibe
□ Capibaribe

Rua da União onde todas as tardes passava a preta das bananas com o xa-
le vistoso de pano da Costa
E o vendedor de roletes de cana
O de amendoim
Que se chamava midubim e não era torrado era cozido
Me lembro de todos os pregões:
Ovos frescos e baratos
Dez ovos por uma pataca
Foi há muito tempo...

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque é ele que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada
A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem
Terras que não sabia onde ficavam
Recife...
Rua da União...
A casa de meu avô...

Nunca pensei que ela acabasse!
Tudo lá parecia impregnado de eternidade
Recife...

Meu avô morto.

Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro como a casa de meu avô.

(Bandeira, 1998, p. 133-6)

A ORALIDADE NA POESIA DE MANUEL BANDEIRA:
ANÁLISE DA DISFLUÊNCIA
NO DISCURSO POÉTICO BANDEIRIANO

A ilusão da oralidade na sintaxe

Dissemos anteriormente que, em alguns casos, a disfluência se torna fundamental na formulação do texto falado espontâneo, uma vez que tal característica configura alguns propósitos de interação, bem como algumas atividades envolvidas na construção textual.

Também observamos, sintaticamente, a existência de alguns índices de disfluência, como as pausas, os alongamentos, a mudança constante de ritmo, a repetição de certas palavras. Realmente, se observarmos o poema em questão, notaremos alguns recursos idênticos, que contribuem para a formulação de “um comportamento do enunciador” frente ao objeto do discurso, que é seu passado histórico, a época em que era jovem. O próprio título nos remete ao “discurso memorial”, ilustrado pelos vários *flashes* do passado remoto do enunciador. As diversas recordações, que configuram a lembrança evocada, são nitidamente apresentadas como se o enunciador as pensasse ou as falasse, de forma natural e cotidiana. Observemos alguns casos de pausas não preenchidas:

(1) De repente
Nos longes da noite

Um sino

Nesse trecho, a disposição tipográfica do verso, com o afastamento da expressão “um sino”, sugere uma pausa não preenchida entre os trechos “Nos longes da noite” e “um sino”, além, é claro, de demonstrar, tipograficamente, a distância do sino em relação à posição geográfica do enunciador.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(2) Atrás da casa ficava a Rua da Saudade...
... onde se ia fumar escondido
Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora
... onde se ia pescar escondido

Já em (2), o poeta, além de usar o recurso das reticências, para sugerir uma pequena pausa, abre mão, como em (1), da disposição dos versos. Assim, entre as duas principais e as subordinadas adjetivas, há a sugestão de uma forte pausa não-preenchida. Além disso, percebe-se outro recurso notadamente oral: a repetição. Nota-se que os versos construídos a partir das orações subordinadas são quase os idênticos, apenas variando os verbos “fumar” e “pescar”.

Em outros trechos, também é constatado o recurso da pausa. Como em

(3) Foi há muito tempo...
A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros

Em (3), além da mudança de estrofe que, em poemas de versos brancos e psicológicos¹³, pode ser considerado um índice do ritmo, há ainda a marca das reticências, que é observada também em (4):

(4) Terras que não sabia onde ficavam
Recife...
Rua da União...
A casa de meu avô...
Nunca pensei que ela acabasse!
Tudo lá parecia impregnado de eternidade
Recife...
Meu avô morto.

Importante salientar, neste trecho, o recurso da gradação descendente, em que o pequeno mundo passado do enunciador é definido de forma oral, por meio da disposição gráfica e das reticências, que sugerem pausas não-preenchidas.

O recurso da disposição tipográfica também é usado em (5):

(5) E nos pegões da ponte do trem de ferro os caboclos destemidos
em jangadas de bananeiras
Novenas
Cavalhadas

Da mesma forma que outros trechos anteriores, (6) é marcado

¹³ Ritmo psicológico, segundo Tavares (2002, p. 169), é aquele que, “desprezando o elemento musical do verso tradicional, apela ao leitor a tarefa subjetiva de descobrir a ‘atmosfera’ que o poeta intentou emprestar ao seu poema”.

por pausas, advindas da disposição gráfica dos termos, que sugerem a lembrança atomizada do enunciador, em pleno “monólogo interior”, configurando mais uma vez o caráter de evocação presente no poema. Já em (7), há, além do aspecto da disfluência, problemas de ordem sintática que denunciam a presença da oralidade:

(7) **Me lembro** de todos os pregões:
Ovos frescos e baratos
Dez ovos por uma pataca
Foi há muito tempo...

Em vários dos casos abordados, a disfluência rítmica sugerida pelas pausas sem-preenchimento auxilia na definição pragmático-interativa do discurso, haja vista que o enunciador descreve fatos de sua história passada, ainda vivos em sua memória.

Além disso, o uso da próclise é um fator de destaque no trecho acima, haja vista que é um fenômeno linguístico muito comum no cotidiano linguístico-oral brasileiro. Bechara postula que,

Ainda que não vitoriosa na língua exemplar, mormente na sua modalidade escrita, este princípio é, em nosso falar espontâneo, desrespeitado, e, como diz Sousa da Silveira, em alguns exemplos literários, a próclise comunica “à expressão encantadora suavidade e beleza” (Bechara, 2001, p. 588).

Contrapondo-se às pausas, há certos trechos que sugerem um ritmo mais acelerado do discurso. Esse caráter rítmico-antitético pode ser considerado, também, um índice de disfluência, uma vez que a fluência é também ter habilidade de produzir uma fala suave, com ritmo homogeneizado. Assim, o ritmo entrecortado dos trechos de (1) a (7) se contrapõem ao trecho (8) e (9):

(8) Cheia! As cheias! Barro boi morto árvores destroços redemoinho sumiu

No trecho (8), a falta de pontuação na enumeração contribui para a configuração de um ritmo acelerado, comum à descrição de uma tragédia. Cabe observar que, nesse trecho, o emprego do verbo “sumiu” configura um corte sintático brusco. A idéia que nós temos é que algo sumiu no redemoinho, mas não temos a definição do que seja.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(9) E o vendedor de roletes de cana

O de amendoim

Que se chamava midubim e não era torrado era cozido

Já em (9), a expressão “era cozido” liga-se, sem a pontuação gramaticalmente adequada, à sua expressão discursivamente oposta. Todos esses recursos, baseados na quebra das regras gramaticais de pontuação, contribuem para a formação de uma imagem do discurso oral, repleta de imagens rememorativas sem coesão inicial. O que se percebe no poema são imagens colocadas na medida em que são pensadas, muito próximas de um “monólogo interior”.

Também notamos algumas correções conscientes no discurso poético, causadoras de recomeços:

(10) Vinha da boca do povo na língua errada do povo

Língua certa do povo

(11) Capiberibe

□ Capibaribe

Em (10), a expressão “língua certa do povo” se contrapõe à “língua errada do povo”, perfazendo uma alusão ao aspecto corretivo da língua oral. O mesmo ocorre em (11), em que a corruptela “Capiberibe” é corrigida pelo nome “Capibaribe”.

Em estudo anterior, em que estudamos a oralidade na poesia de Carlos Drummond de Andrade, abordamos, também, o aspecto da autocorreção. Na oportunidade, fizemos afirmações sobre o fenômeno da correção, que podem ser empregados nos dois casos analisados neste artigo:

No nível da produção dos textos poéticos aqui analisados, o autor, conscientemente, faz uso de estratégias da língua falada, a fim de manter a interação com seu suposto interlocutor. Desse modo, aspectos da língua falada se fazem presentes no texto escrito, uma vez que o autor tinha, como em qualquer texto escrito, a possibilidade de extrair todas as marcas de reformulação. Entretanto, nos casos aqui analisados, esses procedimentos tornam-se recursos intencionais da poética [...]. (Negreiros, 2003, p. 120).

Da mesma forma que o emprego das pausas, o uso de algumas repetições auxiliam na configuração de uma “oralidade imaginária”. É o que podemos notar no constante da expressão:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(12) **A Rua da União** onde eu brincava de chicote-queimado e partia as vidraças da casa de Dona Aninha Viegas

(13) **Rua da União...**

Como eram lindos os nomes das ruas de minha infância

(14) **Rua da União** onde todas as tardes passava a preta das bananas com o xale vistoso de pano da Costa

(15) Terras que não sabia onde ficavam
Recife...

Rua da União...

A casa de meu avô...

Em todos esses trechos, percebemos a repetição de “Rua da União”. Tendo em vista o caráter histórico-individual do texto poético e, acima de tudo, a imagem da rua em que passou a infância, o enunciador, no decorrer de todo texto, sempre enfoca a imagem da “Rua da União”. Tal expressão configura-se como condutora de tópico, haja vista a condução do discurso para uma sucessão de subtópicos encadeados: as brincadeiras praticadas na rua, as pessoas que viviam nela, as festas que aconteciam nos arredores, as atividades nas ruas vizinhas, o Rio Capibaribe com seus afluentes e suas cheias, os namoros, os vendedores que por ali passavam, enfim, todo “pequeno mundo” do enunciador, que, na realidade, era a Rua da União. Oportuno observar que o enunciador volta ao condutor de tópico que, por sua vez, gera outras lembranças, configurando outros subtópicos da evocação feita pelo enunciador.

A ilusão da oralidade no discurso

Do ponto de vista discursivo, percebe-se a presença de alguns recursos, tais como a passagem abrupta de tópicos e a inserção de parentéticas. Com relação a essas últimas, podemos observar o seguinte trecho:

(16) Uma pessoa grande dizia:

Fogo em Santo Antônio!

Outra contrariava: São José!

Totônio Rodrigues achava sempre que era São José.

Os homens punham o chapéu saíam fumando

E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir ver o fogo.

Rua da União...

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância
Rua do Sol
(Tenho medo que hoje se chame do Dr. Fulano de Tal)
Atrás da casa ficava a Rua da Saudade...
... onde se ia fumar escondido
Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora
... onde se ia pescar escondido

Capiberibe
□ Capibaribe

Lá longe o sertãozinho de Caxagá
Banheiros de palha
Um dia eu vi uma moça nuinha no banho
Fiquei parado o coração batendo
Ela se riu

Neste trecho, percebe-se a ocorrência de duas parentéticas, todas destacadas em negrito. Descrevendo a tradição de seu lugar e de sua época de infância, o enunciador diz que, enquanto uma pessoa gritava, denunciando incêndios na igreja de Santo Antonio, outra gritava que era na de São João. Percebe-se, nas expressões “uma pessoa grande” e “outra” um caráter indeterminado. Essa indeterminação é quebrada com um comentário – empregado de maneira sutilmente secundária – de que “Totônio Rodrigues achava sempre que era São José”. Tal comentário determinativo configura a parentética. Além disso, a expressão “pessoa grande”, sinônima no poema de “adulto”, chama a atenção, uma vez que pertence ao universo infantil. Assim, a evocação não ocorre apenas naquilo que se diz, mas no como se diz.

Da mesma forma, entretanto explicitada pelos parênteses, há o comentário acerca dos nomes das ruas que marcaram a infância do enunciador. Este sente medo que os nomes das ruas, tão bonitos “em sua época”, sejam agora denominados Rua “do Dr. Fulano de Tal”.

Com relação à mudança brusca de tópicos, percebe-se que o enunciador faz uso desse recurso constantemente, nas passagens de estrofe e mesmo entre versos da mesma estrofe. Por se tratar de um recurso muito empregado no texto em questão, restringiremos nossa análise em apenas três excertos.

Assim, exemplificando o fenômeno da descontinuidade discursiva, poderíamos citar o trecho (17):

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(17) A Rua da União onde eu brincava de chicote-queimado e partia
as vidraças da casa de Dona Aninha Viegas //
// Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê na ponta do
nariz //
//Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com cadeiras, me-
xericos, namoros, risadas

Em (17), notamos a ruptura entre os períodos¹⁴. O enunciador, após rápida confissão de suas brincadeiras e travessuras, começa, abruptamente, uma descrição de Totônio Rodrigues. Logo em seguida, com a mesma dinâmica causadora da disfluência, o enunciador rompe com a descrição dessa “personagem” de sua infância, ao descrever o comportamento das famílias de sua rua.

(18) De repente
Nos longes da noite
Um sino
//Uma pessoa grande dizia:
Fogo de Santo Antônio!

Em (18), o enunciador, após sugerir que, de repente, um sino badalava ao longe, entra diretamente na descrição do comportamento das pessoas com relação ao incêndio, já comentado em análises passadas.

(19) Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora
... onde se ia pescar escondido

Capiberibe
□ Capibaribe //

Lá longe o sertãozinho de Caxagá //
Banheiros de palha //
Um dia eu vi uma moça nuinha no banho
Fiquei parado o coração batendo
Ela se riu
Foi meu primeiro alumbramento //

Fator interessante é o uso de certas expressões que conduzem a um suposto “conhecimento compartilhado” entre enunciador e co-enunciador. Referimo-nos às expressões dêiticas “do lado de lá” e “lá longe”, presentes em (17). Além dessas expressões, indicadoras do hipotético lugar pragmático, há outra interessante, presente em (20):

¹⁴ Marcamos a quebra entre os subtópicos por meio de barras duplas.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(20) Recife...

Rua da União...

A casa de meu avô...

Nunca pensei que ela acabasse!

Tudo lá parecia impregnado de eternidade

Recife...

Nessa expressão, destacada em (20), o advérbio temporal “lá” indica *lugar* (“Recife.../Rua da União.../ A casa de meu avô...”) e, em um plano mais aprofundado, *tempo*. Assim, essa segunda opção de leitura poderia ser pensada da seguinte forma: “aquele tempo parecia impregnado de eternidade”. Em síntese, em todas essas expressões citadas em (18), (19) e (20), fica constatada, novamente, a ilusão de oralidade criada pelo enunciador, principalmente no que tange à disfluência que ocorre no texto poético. Este, que é um texto escrito, recebe marcas da oralidade.

No ponto de vista do sintático, pausas sem preenchimento (simbolizadas pelas reticências e pela disposição gráfica), trechos de leitura rápida (sem pontuação) repetições e correções denunciam a disfluência.

No nível do discurso, por seu turno, observam-se principalmente as rupturas temáticas, marcadas pela falta de coesão entre as imagens que são colocadas pelo enunciador. Na realidade, discursivamente, o texto é configurado à luz de um hipotético “diálogo interior”, cuja enunciação é marcada por *flashes* sem ligação aparente, como se fossem pronunciados no momento da elaboração psicológica, em clara situação oral, já que o processamento e a produção do texto co-ocorreriam.

Da mesma forma, essas discontinuidades discursivas tornam o ritmo textual heterogêneo, ora cheio de pausas, causando um ritmo ralentado à progressão temática; ora rápido, acompanhando o fluxo das lembranças. Assim, o texto torna-se também disfluyente, haja vista a falta de um ritmo uniforme no discurso poético.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. São Paulo: Círculo do Livro, 1998.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

CRESCITELLI, Mercedes Fátima de Canha. *Disfluência conversacional em falantes cultos*. São Paulo, 1997, 188 p. Tese (Doutorado em Letras) – FFLCH / USP.

KOCH, Ingedore G. Villaça et alii. Processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. **In**: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). *Gramática do português do falado*. 3ª ed. Campinas: Fapesp/Unicamp, 1996, vol. 1, p.145-184.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

NEGREIROS, Gil Roberto Costa. *Marcas da oralidade na poesia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo, 2003, 134 p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

TAVARES, Hênio Último da Cunha. *Teoria literária*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.